



**ELGA LUSTOSA**  
**CASA DE**  
**TAIPA**

## CAPÍTULO I



**Maria Moça nasceu** no Dia de Todos os Santos, em uma região chamada Baixio, distrito de Cabaços, no sertão piauiense. Foi um deus nos acuda quando a mãe de Maria Moça começou a sentir as dores do parto.

Era a segunda filha do casal, Inácio e Dona Ana, esta conhecida por Donana. O filho mais velho, Anastácio, contava com um ano de idade. Este era apenas o começo do que seria uma grande família, como era comum no sertão.

Donana estava certa de que esse rebento talvez não vingasse, pois a prematuridade era um fator a considerar quando se tratava da dureza do sertão. Qualquer família do Baixio tinha como revés as perdas de seus filhos. A conta, por vezes, nem era sabida, as famílias costumavam desistir de enumerá-las e glorificavam a Deus poderem ainda ter um saldo positivo.

Sem médicos próximos, pois Cabaços, cidade pequena com recursos de saúde escassos, mas suficientes para uma cesárea, ficava a quarenta quilômetros do Baixio. Não havia

veículo no distrito, exceto o do Coronel Lindolfo que, na ocasião, estava em viagem. Em tais ocasiões, devia-se confiar na parteira e mulheres da região. Quando uma mulher iniciava as dores do parto, uma mágica acontecia. As idosas, as jovens e até as meninas, reuniam-se nos arredores da casa da parturiente e faziam preces e canções, muitas delas até então esquecidas, mas que remontavam a algo ancestral com uma força inigualável, o que parecia criar uma redoma de proteção e misticismo à mãe, como um convite à vida do novo ser.

Os homens sequer se atreviam a interferir, assistiam a tudo encantados com a demonstração das suas mulheres, deusas e bruxas. Nestes momentos incompreendidos, o respeito imperava. A feminilidade encarnada nessas mulheres era intocável.

Foi nesse contexto que veio ao mundo Maria Moça. Por ironia, não foi escolhido o nome de uma santa para a bebê, mas um nome simples. Donana passava bem, mas se esforçou muito e sentia um cansaço além do normal.

Logo mais o dia nasceria e todo o Baixio se preparava para outra festa, o Dia de Finados. No Baixio era comum a celebração de uma missa em homenagem aos mortos, e todos visitavam os túmulos dos seus entes queridos com flores e vasos decorados.

Donana, de resguardo, estava sob os cuidados das comadres Jacira e Virgília. Ficou em casa com a dieta especial de pirão de parida e garapa de cana que, por tradição, eram os alimentos das que deram à luz para encher de leite as mamas. Donana precisava centrar em outro trabalho a partir de agora, que era o dar de mamar à Maria Moça, que inspirava

cuidados, pois era pequenina e de choro fraco. A experiência do sertão indicava que Maria Moça poderia ser como uma fruta pêca, facilmente não sobreviveria. A luta pela vida de um bebê ia mais ou menos até os cinco anos de idade, quando o perigo real de morte diminuía. Imbuída do propósito de manter a vida da sua filha, Donana liberava as mamas para a bebê em tempo integral, que parecia acabrunhada com tanto leite, mas que, por um ato natural, punha a boquinha no peito e logo o movimento de sucção vinha à tona. No sertão do Baixio, o leite materno era alimento em abundância em terra seca. Somente a filha do Coronel Lindolfo, certa vez, veio com a moda da cidade de dar leite de vaca na mamadeira, costume que não pegou na pequena Baixio, mais por falta de recursos que por vontade das mães.

Baixio era um pequeno povoado no sertão. De solo árido e tempo quente a maior parte do ano, a subsistência das famílias advinha da cultura da macaxeira, donde se produzia a farinha e a goma, e do feijão de corda. Os bodes e as cabras eram os animais que aguentavam o longo período de estiagem, que durava mais ou menos oito meses. Alguns moradores conseguiam criar porcos e galinhas, cujos ovos eram vendidos por preço exorbitante e representavam uma iguaria na culinária local. No caso de Donana, os ovos foram comprados como um remédio para o seu resguardo.

No centrinho de Baixio, chamado de “prédio”, havia uma igreja com árvores mais encorpadas que destoavam do cenário do sertão. Não se podia dizer que havia uma praça, exceto por alguns bancos perto da igreja, porém sem nenhum chariz ou escultura centralizada, por isso, o marco zero do distrito era de fato a Igreja de São Benedito, local que funciona-

va como ponto de encontro da população especialmente em domingos e festas especiais. Uma vez por semana, chegava o ônibus intermunicipal da Prefeitura de Cabaços.

O “inverno” no Baixio era o tempo mais esperado, tempo de colheitas do jerimum e maxixe, o que incrementava a culinária local. As famílias viviam também da produção da cajuína, líquido dourado bastante apreciado para além da região. Como o caju estava pronto para colheita apenas em outubro, as famílias se dedicavam a colher os melhores e a produzir o máximo da bebida cor de ouro para armazenagem durante o ano e envio para Cabaços mediante demanda dos compradores. Em dias de sábado, a carroça era fornida de cajuínas para serem levadas à feira de Cabaços e voltavam com alguns suprimentos encomendados por todo o povo. As pessoas do Baixio tiravam sua renda dessa produção que, no entanto, não era suficiente para prover o sustento por todo o ano. Complementava-se com o pouco que a terra dava e com as criações.

Cabaços, que era assim chamada não por atributo de suas moças, mas pela grande quantidade de cabaças produzidas, ano após ano, representava a economia mais forte da região, tinha um ar desenvolvimentista e, em dias de feira, havia de tudo, desde frutas e verduras até artigos domésticos e sulancas. Muitos viajantes de distritos próximos ou cidades vizinhas se achegavam a Cabaços tanto para vender seus produtos como para comprar.

Em Baixio, porém, o desenvolvimento vinha a conta-gotas: as casas eram simples, de taipa, material que era produzido pelas famílias em mutirões. Casas formadas com janelões fora do esquadro e portas de madeira em estilo colonial. A vista do Baixio lembrava um conjunto de casas da mesma cor

do barro e formato quase idêntico. Não havia portas separando os quartos, apenas uma cortina de chita. O quarto do casal era o único com cama e os demais eram todos cheios de redes. As famílias bebiam água de pote, que era filtrada em pano de prato de alvura incontestável. As conchas e copos de alumínio poderiam servir até de espelho, pois eram arriados com uma camada de areia branca envolvida por bucha vegetal. Eram colocados para secar no girau e constituíam os adornos da residência. A casa que assim procedia era tida como asseada, atributo dado às donas de casa.

Na região do Baixio havia escassez de água, que era de poço e salobra. Havia um pequeno córrego que a cada ano parecia se afinar mais, chamado de Poção pelos moradores.

Donana, três meses após ter tido Maria Moça, viu-se grávida de novo. Com a memória recente do parto e a recuperação, teve medo e pediu até perdão a Deus, mas não queria ter filho por agora. Já havia tido dois abortos. A comida era escassa, Inácio ia para roça, mas a cada ano parecia não conseguir suprir as exigências de uma família que só aumentava. Com esses medos e receios guardou o sentimento para si e refletiu que o melhor momento para conversar com Inácio seria após o jantar.

A própria Donana não sabia como fazer para estancar a ruma de filhos que vinha. Sua mãe havia morrido quando ela era pequena, quando tinha só seis anos de idade, deixando-a aos cuidados do pai e da iaiá que residia em sua casa desde antes dela nascer. Tinha dois irmãos menores. Podia-se dizer que Donana tinha sido bem-criada, pois iaiá a mimava com amor genuíno, além dos seus irmãos, e o seu pai era dado a gentilezas diárias e tinha ânimo alegre. A condição financeira da família de Donana era um pouco melhor do que a da maioria das pessoas da região,

pois seu pai servira ao Exército e recebia um bom soldo mensal. As mãos de Donana só ficaram calejadas após o casamento com Inácio, moço prometido a ela após um noivado frustrado com Estevão, o barbeiro do Baixio, um homem respeitado no povoado, a quem seu pai já havia dado sua benção.

Um dia, Donana, em um ato juvenil de insubmissão, desistiu do casório, sentada na cadeira de Estevão, pois era ele quem cortava seu cabelo. Muitos anos depois veio a refletir sobre esse ato, Estevão havia sido rejeitado com uma navalha na mão. Não era costume dos homens do sertão serem rechaçados por mulheres.

Veio a casar com Inácio por amor, mesmo a descontento do seu pai, que via no futuro que se avizinhava uma soma de dificuldades, mas respeitava as suas decisões acima de tudo, o que era comentado pelos anciãos do povoado que o pai de Donana poria a menina a perder, pois não tinha pulso forte na educação que lhe era dada.

Inácio era o moço mais bonito da cidade, porém, sem qualquer instrução, só tinha por destino cuidar dos roçados. Donana não era considerada assim tão bonita, pequenina, osuda, tinha mais espírito e força que marcava sua presença, aprendera a ler, a escrever e sabia cantar.

Logo nos primeiros anos do casamento, seu pai e iaiá faleceram, tendo selado os tempos áureos e iniciado um novo momento na vida de Donana, representada por uma gama de dificuldades que a colocaram em insegurança por toda a vida. Assim, Donana perdera um pouco da beleza e maciez, adquirira uma casca, assim como a macaúba, cuja polpa só é possível acessar após o trabalho de quebra da parte dura que a reveste.

Marcado por esse momento vieram os filhos. Eles representavam o fruto de um amor lacerado pela escassez e exaustão do sertão, lugar em que somente os fortes sobreviviam. Nessa dureza, seu coração também se endureceu e a vinda dos filhos não era muitas vezes celebrada, era aceita como um querer de Deus. Por sua própria vontade não queria mais. Não entendia esses desígnios divinos de trazer mais gente para povoar o Baixio, quando no Baixio não havia abundância de recursos para o povo.

Nessas reflexões existenciais, na porta de casa, como é costume de todo o povoado, na boca da noite, sentar-se em frente de suas casas, quando os moradores tinham oportunidade de falar sobre tudo: clima, fofocas, enquanto olhavam os céus e a conversa não ia até muito tarde, pois tinham que se levantar ainda na madrugada para tentar a vida mais uma vez, Donana veio a confessar o segredo já há alguns dias guardado. Iniciou a conversa falando de como os filhos estavam bem e soltou, logo de vez, a notícia que mais um estava por vir. Teve vergonha do próprio marido, pois sentia seu olhar fixo sobre ela como um mundo refletido. Sentia-se culpada e achava que ela causara a situação de se ver novamente grávida. Não sabia qual seria a sua reação, pois aprendera que Inácio, muito paciente, poderia, quando zangado, libertar os mais vis sentimentos. Pobre Donana, contava apenas com vinte anos e não entendia muita coisa sobre seu corpo, a única certeza que tinha era de que estava grávida, pelos sinais visíveis de estados anteriores. Inácio apenas escutou a esposa em silêncio.

Mais um bebê a caminho, assim os anos se passaram na região do Baixio e, após dez anos, Donana veio a totalizar mais oito filhos vivos, além de Anastácio e Maria Moça.



CONTATO  
elgalustosa@hotmail.com



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Dante MT  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em junho de 2023.

---